

Viajando com os jogos olímpicos na descoberta de múltiplas culturas: Um relato das nossas experiências

por Luciana dos S. Rodrigues, Isabela B. H. de Oliveira e Vera Lucia S. Leite Campos

Nós, docentes e equipe técnica da Escola Municipal Roraima /RJ, por entender que ato de conhecer não se realiza engavetado nas disciplinas que compõem a grade curricular, viemos re-fetindo sobre o desprazer vivido pelos profissionais da educação e estudantes no que diz respeito ao cotidiano escolar. Desejosas em romper com a monotonia desse espaço e contaminadas pelo sucesso de experiências, interdisciplinares, trilhamos um caminho, desde o ano passado, com o intuito de experimentar desafios de temáticos que são atravessados por questionamentos integradores de diversas áreas.

Movidas também em encontrar uma direção que ressalte o desejo de aprender diante da desesperança que nossos jovens vivem, pudemos, a partir desta inquietude mobilizar discussões nos centros de estudos integrais¹. Nestes encontros apresentamos a proposta aos professores e à supervisão pedagógica que sensibilizados concordaram em desenvolver uma feira cultural e esportiva interdisciplinar intitulada: "Roraima passeando pela China".

As várias áreas do conhecimento se entrelaçaram

na intenção de fazer surgir elementos que permitissem um maior estreitamento com a cultura chinesa, abordando as questões geográficas, históricas, políticas, econômicas, sociais, culturais, literárias.... Um diálogo que oportunizasse a toda a comunidade escolar uma aproximação com o "país do dragão" por meio de pesquisas nas mais variadas dimensões do saber. Sabemos que conhecer é partilhar significados. O significado de algo "é construído falando-se sobre o tema, estabelecendo conexões pertinentes, às vezes insuspeitadas, entre os diversos temas". MACHADO (2000).

No contexto esportivo, utilizou-se o grande destaque das mídias para compreender as modalidades esportivas, desvelar a teia de conhecimentos que se integram em cada prática esportiva bem como, a formação de valores e atitudes a partir das experiências dos atletas que disputaram as olimpíadas.

Diante disso, a feira olímpica e cultural aconteceu como uma mostra de todos os trabalhos desenvolvidos pelos professores e alunos ao longo de um trimestre. Cada área pôde apresentar e demonstrar aquilo que foi desenvolvido com afnco e empenho pelos alunos participantes. Essa

experiência contribuiu muito para que reforçássemos a relação professor-aluno, relação esta que, nos últimos tempos, tem se caracterizado pelo con flito e embates constantes.

Em Walter Benjamin, encontramos a denuncia do silenciamento dos sujeitos pela perda de sentido, por não viverem suas experiências e serem automatizados por uma cultura padronizada. Esta afirmação nos mobiliza a caminhar na proposição de desafios a nós mesmos, de possibilitar vivências de apropriação da informação, refazendo-a, recriando-a e elaborando novas experiências que ampliem a narrativa. Ir ao encontro de um processo de resgate de suas experiências, como demonstra KRAMER (2008), a partir das contribuições de Benjamin: A escola necessita encontrar a identidade narrativa, o que requer abrir espaço...para as experiências dos sujeitos que fazem a prática, para que ressignifiquem a história contada e atribuam ou encontrem outros sentidos.(p.24)

A seguir, relatamos as experiências dos trabalhos realizados pelas áreas que tornaram a feira olímpica e cultural um grande marco do ano letivo de 2008.

Os docentes de LÍNGUA PORTUGUESA promoveram, conjuntamente com seus alunos, atividades de Contação de histórias, teatro chinês (palitos) e jornal da China. Na contação de histórias foram utilizados contos chineses pesquisados pela professora. A mesma utilizou a sala de leitura devidamente decorada com adornos chineses para aproximar os visitantes à cultura oriental. Além disso, a docente foi a contadora das histórias e se caracterizou de chinesa juntamente com uma aluna que a auxiliou.

Os contos traziam a vivência de uma cultura milenar, o cultivo de uma simbologia própria e seus princípios éticos, que muito foram ressaltados nas discussões destacadas pelos participantes da oficina.

Tivemos também, a construção de um informativo: o Jornal da China. Esse veículo de comunicação foi montado pela seleção de diversas matérias pesquisadas pelos alunos abrangendo o esporte olímpico, a família, a religião, o transporte, a culinária e as curiosidades chinesas. A partir das matérias selecionadas, montou-se um jornal-mural com informações reveladoras da forma de viver de uma outra cultura e material ilustrativo abundante. A apresentação oral de dois alunos revelou suas interpretações das matérias pesquisadas para os visitantes, como também, o

contato com a linguagem da tevê na releitura do veículo. Esta apresentação se realizou como uma abertura do teatro chinês.

Alunos das turmas do 6º e 8º anos de escolaridade se mobilizaram e criativamente produziram um teatro chinês com varas, criaram o texto, os bonecos e o cenário. Eles puderam vivenciar várias linguagens e papéis sociais tais como: autores do texto, artistas plásticos, atores, atrizes e recepcionistas.

Na execução da atividade, os “atores” através de suas vozes expressaram diferentes emoções e venceram a timidez, a insegurança e a baixa auto-estima.

Na vivência como produtores de eventos, muitas tarefas tiveram que ser organizadas e distribuídas, desde a decoração do espaço quanto a acomodação, a duração do evento, recepção, a participação da platéia e a avaliação durante as cinco sessões. Em cada sessão houve a presença de cerca de trinta presentes, entre os quais alunos, professores, pais e convidados. A equipe de recepção ao final de cada sessão fornecia uma tira de papel para os participantes avaliarem o evento, demonstrando opiniões e afetos. Todas as mensagens foram sendo penduradas em um bambu na entrada da feira.

Nosso trabalho em

EDUCAÇÃO FÍSICA mobilizou, também, as turmas do 6º ao 9º anos a divulgarem as pesquisas realizadas sobre as modalidades olímpicas e paraolímpicas via confecção de maquetes. O tema da maquete era o espaço de jogo (quadras) de algumas modalidades, que foram sorteadas entre eles. Neste desafio de traduzir as informações coletadas para outro plano, o tridimensional, vários saberes foram integrados: geometria, medidas, formas, cores... Já os alunos do 8º e 9º anos, após também realizarem algumas etapas de pesquisa sobre as modalidades olímpicas e paraolímpicas, se organizaram em grupos para a construção do calendário dos jogos olímpicos/paraolímpicos e painel com pictogramas (símbolos dos esportes) olímpicos e paraolímpicos.

Vale ressaltar a aproximação com a formação ética na construção das maquetes. Por exemplo, tivemos quadras de voleibol, handebol, mas também de basquetebol em cadeira de rodas, halterofilismo paraolímpico com direito a atleta portador de deficiência e muitas outras. Ao trazer a proposta de realizarem as modalidades paraolímpicas, desafiou-se a construção do respeito e reconhecimento aos portadores de necessidade especiais no que tange à prática de esportes e à conquista de suas lutas por inclusão social em todos os espaços sociais.

Em HISTÓRIA foram mobilizados os conceitos de tempo a partir do patrimônio cultural da humanidade, a Muralha da China e a Cidade Antiga dos imperadores. Essas construções marcaram a história da China e foram desencadeadores da Linha do tempo. Portanto, alguns questionamentos foram instigando os alunos a tecerem pontes com o passado e sua organização espaço-temporal. Haveria no mundo ainda construções com mais de dois mil anos atrás? Se tivéssemos que marcar o tempo de sua construção, como faríamos? Que motivos mobilizaram tantos esforços do povo chinês para construir tais monumentos? O que significa para humanidade este patrimônio arquitetônico? Pensar que na época de sua edificação não existia os materiais de construção que utilizamos hoje, então, como o povo chinês resolveu o problema?

Assim, pudemos estabelecer diálogos questionadores e associações de idéias com a história da China retratada na linha do tempo. Esse estudo possibilitou destacar as diferenças políticas, sociais e econômicas entre ocidente e oriente. Outros recursos foram utilizados como: cartazes e construção de livros para contar a história dos jogos olímpicos. Dessa forma, desenvolveu-se os conceitos de tempo-espaço analisando as transformações do esporte no

mundo e sua interdependência com as mudanças socioculturais.

No campo das ARTES os saberes dos estudantes foram revelados através das linguagens: visual, cênica, dança e musical. Na dança, tivemos o destaque da coreografia de abertura da feira com a música do filme “Carruagens de Fogo” em ritmo dançante. As alunas utilizaram fitas coloridas nas cores das olimpíadas para abrilhantar ainda mais o trabalho. Nestes exercícios estéticos as falas de Martins e Picosque(2008) nos foram lembradas, pois nos reconhecemos como promotores de mediações culturais, conforme as autores destacaram “um contato que deixe canais abertos para sensações, sentidos e sentimentos despertados, para a imaginação e a percepção, pois a linguagem da arte também fala por sua própria língua e por ela mesma que se lê.” (p.27)

Os professores do 1º ao 5º anos realizaram inúmeros trabalhos e estiveram diretamente envolvidos nas oficinas que foram disponibilizadas para os presentes. Ao longo do dia na feira variadas oficinas foram oferecidas, todas lembravam um pouco da cultura chinesa. Tivemos várias salas temáticas a saber: jogos e brincadeiras (sudoku, mapas para localização dos países, jogo da memória); trilha da vida saudável (jogo de dado onde

os alunos puderam brincar e aprender um pouco sobre hábitos saudáveis); oficina de origami (dobraduras); oficina de tangran e a sala de multimídia exibindo vídeos relacionados aos jogos olímpicos e paraolímpicos. Nas diversas oficinas mobilizamos várias habilidades cognitivas, discriminação perceptiva, análise-síntese na combinação de peças do quebra-cabeça, memória visual, localização espacial, coordenação visomotora, equilíbrio e analogia.

Uma turma do 1º ano do Ciclo inicial realizou um desfile das modalidades olímpicas, no qual os alunos se caracterizaram de atletas para desfilarem. Algumas modalidades como judô, ciclismo, badminton, futebol, basquete, natação entre outras foram representadas por eles.

Todas as oportunidades dos noticiários sobre as olimpíadas foram aproveitadas para o processo de conquista da escrita e leitura. Os nossos atletas estiveram presentes na produção textual de listas e incentivos com os nomes das equipes de vôlei, futebol feminino, masculino, ginastas, judô...

A curiosidade na alimentação chinesa desdobrou-se em confecção de cartazes, na concretização da degustação de yakissoba e divulgação da receita. Logo, tivemos práticas muito significativas de aprendizagem de nossa língua com muita emoção.

Para simbolizar com maestria o “pais do dragão”, algumas professoras dos anos iniciais confeccionaram o um “monstro fabulo” que foi o símbolo da feira. O mesmo foi feito de maneira que alguns alunos pudessem vestir e desfilarem durante a realização do evento, o que foi um sucesso.

Eis alguns relatos sobre a oficina e a feira e das Olimpíadas em geral, escrita pelos alunos e funcionários:

“Eu gosto das Olimpíadas, gosto do teatro e amo as atividades físicas; beijos...”

“Eu gostei de tudo, do teatro chinês e jornal da China, foi tudo legal e divertido, as danças e muito mais.”

“Para falar a verdade, é chato porque os professores ficam mandando a gente fazer trabalhos, mas é legal por causa dos esportes, principalmente o handebol.”

“Amei o jornal da China e o teatro chinês”

“Fiquei muito feliz em ver toda a escola envolvida nesta atividade. Vocês estão de parabéns.”

Dado o exposto, consideramos que as vivências por meio dessas experiências possibilitaram uma abertura maior entre aquilo que temos para fazer, ampliar o acesso a cultura, e o que realmente

podemos fazer.

Nesse sentido, acreditamos que o se entrelaçar das diferenças culturais entre ocidente e oriente no cotidiano escolar, provocou diálogos com saberes que compreendiam e respeitavam as práticas sociais, os modos de viver, possibilitando redimensionar os saberes escolares, tornando-os mais próximos das experiências dos sujeitos, e dialogando com os saberes científicos num movimento de reapropriação de conhecimentos.

Os autores SOUZA, PINHO, GALVÃO (2008) ao estudar o cotidiano escolar, citam Certeau nas estratégias de ações instituídas pelos docentes e alunos, de como são capazes de produzir, mapear e impor tipos de operações, e de outro, tem –se as táticas, que consistem em manobras realizadas pelos sujeitos praticantes. São as invenções singulares. (p. 80) Assim, percebe-se neste relato, o quanto se problematizou informações, conhecimentos e atitudes transmitidos pelos vários veículos de comunicação, em situações de aprendizagem, para ampliar os repertórios dos diferentes sujeitos envolvidos.

Para tais invenções singulares, o trabalho coletivo se torna algo fundamental no âmbito escolar, porque todos se tornam participantes ativos durante todo o processo de troca de idéias e de experiências que no final, só

aperfeiçoam ainda mais o realizado. A escola deve ser na sua amplitude a agência promotora desse saber, o saber fazer, o saber realizar, o saber possível de que tudo se pode transformar ■

NOTAS:

1 Centro de Estudos Integrados-Encontros trimestrais nas Escolas Municipais de um dia letivo, destinados a aprofundamento teórico, estudo e realização de tarefas pedagógicas. Num período de oito horas, a gestão escolar debate, avalia o projeto pedagógico, como também, investe no coletivo para pensar e articular seu cotidiano.

REFERÊNCIAS:

KRAMER, Sonia. Educação a contrapelo. Revista Educação Especial: Biblioteca do Professor Benjamin Pensa a Educação. São Paulo, N° 7, p. 16-25, 2008.
MACHADO, Nilson José. Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e prática docente. São Paulo: Cortez, 2000
MARTINS, Mirian Celeste e PICOSQUE. Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. RJ. Ed. RBB, 2008.
SOUZA, Elizeu Clementino; PINHO, Ana Sueli Teixeira de e GALVÃO, Isabel. Culturas, multisseriação e diversidade: entre narrativas de vida e experiências docentes cotidianas. In: Aprendizagens cotidianas com a Pesquisa: novas reflexões em pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis, RJ: DPetAlí, 2008